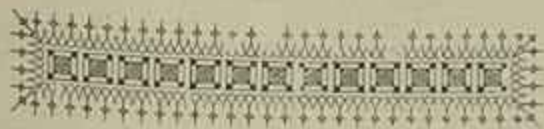


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 86 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º A entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 655	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte. m. forte)	3,600	1,800	6950	120	10 DE MARÇO DE 1897	<i>Libros, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i> Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4,600	2,300	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5,600	2,800	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Ainda um resto dos mascarados caminhava nas ruas encharcadas em direcção das casas, ainda a enfiada dos maltrapilhos, ché-chés rotos, zuavos estropiados, vivandeiras bebadas, fadistas em camisa de mulher, não tinham sahido do pateo do Governo Civil em direcção a Boa Hora, e já devotos e devotas ajoelhavam junto á teia da igreja para receber as cinzas.

Uma cruz de cinza em cada testa:

— *Memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris.*

E cada um meditava nas palavras do padre e ia pensando de si para si que nem tudo era pó, que nem tudo se havia de transformar em pó.

Agora o que moido, somnolento, aborrecido, massado, azamboado, farto da bulha que ouvira e da bulha que fizera, encaminhava as pernas tropegas para o leito, esse, com certeza, iria pensando que tudo é lama.

Ha recordações tristes, sensabores, que abor-

recem e enojam. Por exemplo: um cheiro de bisnaga em quarta feira de cinzas.

O homem dormiu, acordou já tarde. Ha uma paz na cidade. Nem guisos em carros, nem guitarras, nem cornetas, nem tambores de danças, nem gritarias de mascarados. A memoria ainda somnolenta mal começa a distinguir do sonho confuso a verdade. Ferros velhos na bocca. Sente-se quebrado. Pensa e só vê semsaboria. Maldito cheiro a bisnagas!

E enquanto o carnaval em folias corria por essas ruas, enquanto os tremocoos cahiam das janellas em saravada, sahia de Moçambique contra os namarraes a expedição portugueza commandada por Mousinho de Albuquerque.

Lembra-te, homem, de que és pó e de que em pó te has de tornar.

Póde esphacelar-se um cadaver, estrumar a terra, transformar-se em planta, que um dia ha de seccar, servir de adubo ás outras que, seccas, o vento leva. Mas dos que foram grandes alguma coisa ha de ficar para a eternidade, para gloria eterna d'uma alma que não morre.

A campanha contra os namarraes começou, senão por uma nova victoria gloriosa, pelo menos por uma nova, gloriosissima prova do alto valor das nossas tropas.

No altissimo e cerrado matto d'aquella parte da nossa provincia de Moçambique, contra pretos

que só combatem de emboscada, não será com certeza facil que em meia duzia de recontros se dê por terminada a campanha. Será preciso tenacidade, grande somma de sacrificios, prudencia e muita paciencia. São outras tantas virtudes de que sempre deram prova os portuguezes e que a estes agora não faltarão decerto para honra e gloria d'elles e alegria nossa.

Todos os dias, ansiosamente, se esperam novas

Adeante vão os roçadores a abrir estrada. Entre o matto caminha o exercito arriscado. Que esse caminho seja o da gloria.

E bom termos que pensar n'estas altissimas questões, que tanto interessam Portugal amollecido em vás discussões de politica interna, quando muito boas para apaixonar os vaidosos e ambiciosos.

Agora serenaram essas discussões, como sempre acontece nos primeiros tempos d'um governo novo. Os jornaes estão brandos e tudo por ora são rosas. Fala-se de promessas não cumpridas, de transferencias, de eleições, mas tudo isso por dever de fabricar artigo de fundo e porque é preciso encher columnas.

E entretanto bom era que as ferias fossem aproveitadas para resolver muitos problemas da mais alta seriedade, que a todos os governos hoje se impõem em todos os paizes civilisados.

A QUESTÃO DO ORIENTE



ABDUL-HAMID II, SULTÃO DA TURQUIA



O REI JORGE I, DA GRECIA

A crise do trabalho continúa gravíssima.

Neste século em que os progressos materiaes maravillham os que mais tem a esperar dos homens de sciencia, se muito se tem estudado tambem para favorecer as classes operarias, é certo que praticamente pouco por ellas se tem feito e que a maior parte dos beneficios devidos aos estudiosos tem recaído sobre cabeças privilegiadas, pouco favorecendo a pobres e até, pelo contrario, ainda muita vez aggravando-lhes horrivelmente a miseria.

Na hesitação em que se vive, todos cuidam do presente, fechando os olhos ao futuro, que nunca houve quem soubesse prevêr, e hoje mais do que nunca se envolve em brumas mysteriosas, de aurora que vai nascer ou de pesadelo.

Pode a sciencia trazer a todos sem excepção o bem estar, mas são sempre dolorosos para os pequenos os tempos de transição.

Em menos de vinte annos maravilha o que a sciencia tem conquistado, quer reduzindo as distancias pelas machinas de vapor, quer annullando-as para o pensamento pelo telegrapho e até para a palavra fallada pelo telephone. A estes verdadeiros milagres de intelligencias poderosas junte-se o phonographo e o animatographo, descobertas de ha dois dias, ainda, pode dizer-se, na infancia.

Mas o heroe do século, aquelle a quem mais deve a humanidade, foi sem contestação Pasteur, o qual, se Lesseps mereceu o cognome de *grande francez*, merecidamente levou para a eternidade o de *grande homem*.

Esse, sim, decerto, foi um bemfeitor. A media dos annos da vida humana, devido ao seu engenho, creceu, quando todos julgavam que a febre de goso, o excesso do trabalho, a lucta pela vida no mundo em que tantas ambições não cabem, seria razão sufficiente para chamar mais depressa a morte.

Pasteur foi o genio do bem.

Estudando os microbios, pequeninos seres cheios de vida, que dão ou tiram a vida, o seu nome, já bendito por tantos industriaes, tornou-se mais tarde digno da veneração da humanidade inteira, foi canonisado por todos os que ao grande chimico devem a vida de entes queridos, que, não fora elle, haveriam morrido gangrenados, no ardor das febres putridas ou nas contorsões da hydrophobia.

E entretanto Pasteur não fez mais do que escrever o prologo d'um volume enorme, apontar para o caminho de milhares de mundos novos.

Ha tempos, Sousa Martins, uma gloria portugueza, escreveu as mais bellas paginas na mais formosa das linguas, fazendo o panegyrico d'esse santo, que como tal deve ser venerado.

Sublime preito foi esse, digno d'aquelle que lh'o inspirou, digno do sabio professor, que hoje, da mais erudita das assembleas, acaba de receber a honrosissima consagração do seu bello talento.

Quantas vezes, n'esse congresso de Veneza, onde as maiores summidades medicas da Europa se reuniram para tratar da forma de impedir a expansão da peste bubonica, não terá sido pronunciado com respeito e commoção o nome d'esse prodigioso vulto, que, no seu laboratorio, espreitando horas e horas no microscopio os segredos da vida dos pequeninos seres, tem até hoje salvado mais vidas do que podem matar em annos os calculos balísticos dos melhores generaes do mundo?

Sousa Martins, o illustrado professor da Escola Medica de Lisboa, o medico distincto que toda Lisboa conhece e cujo nome é dos mais sympathicos em todo Portugal, alta capacidade scientifica, coração d'artista, portuguez de lei, vivo como bom peninsular, orador entusiasta e fluente, acaba de merecer as mais altas distincções, sendo nomeado para dirigir os trabalhos de maior responsabilidade por uma assemblea em que figuravam os nomes mais conhecidos e afamados na classe medica dos principaes paizes da Europa.

E sempre uma satisfação vêr um nome de portuguez aureolado; maior, quando essa aureola representa um acto de justiça e concorda com todas as sympathias do nosso coração.

Tinhamos a certeza de que havia de ser assim. Acertar com a prophécia sempre lisongeia uma vaidade.

Mais um de quem, de todo, se não pôde dizer: Lembra-te, homem, de que és pó.

E, enquanto o mundo assim caminhar, uns desejando o bem, outros pensando no mal, aquelles procurando honrar a patria, como Mousinho e os seus soldados, outros, como Sousa Martins, escrevendo mais um capitulo da nova biblia, inspirada como a primeira e como ella santa, estes cheios de vaidade e de ambições, agiotando com os pobres, medrando com a calumnia, a maior parte dorme, indifferente, mandando fechar a janella

para não ver a luz, tapando os ouvidos para não ouvir cantos de gloria nem gemidos de afflictos.

Pois não de acordar um dia, queiram ou não queiram, e não de ver o que não desejavam e não de ouvir o que não queriam, que o dever é estar acordado. E estremunhados não de dizer tolices.

Foi isto em ar de sermão porque é quaresma. O *estremunhado* lembrou-me uma historia.

Um soldado, que estava de guarda na cavallaria, adormeceu. Acordou o, sacudindo-o, o official da ronda.

— Que é isso? Estavas a dormir!

O soldado, muito atrapalhado, esfregando os olhos:

— Não, sr., não estava. Ora essa...!

E o official, para o experimentar:

— Não estavas? Então, vamos lá a saber. De que morreu aquelle cavallo?

— O cavallo?... Ah! O cavallo estava... estava... parecia que estava bem. E, de repente começou: — Ai, Jesus! Ai, Jesus! Ai, Jesus!... E foi-se!

João da Camara.

A QUESTÃO DO ORIENTE

Os acontecimentos — A Ilha de Creta — O rei Jorge da Grecia e outras personagens da questão

As noticias que do Oriente chegam aos centros politicos da Europa provam a existencia imminente de uma conflagração geral, caso a diplomacia não consiga sanar as melindrosas difficuldades que se levantam na eterna questão do Oriente.

Creta, a antiquissima ilha do Mediterraneo, é o pomo da discordia entre as potencias, que buscam encapotadamente o desmembramento da Turquia, para se arrojam sob os ricos despojos.

Dominar todavia o impeto bellicososo da Grecia, não é missão facil, porquanto as opiniões cultas se inclinam para os gregos cuja attitudé é determinada por odio de raça e de religião, e ainda — talvez — pelo apoio occulto da Russia e da Inglaterra. As gravissimas circumstancias, de que se reveste a questão, tem pois suscitado um enorme effeito, considerando-se um perigoso e critico momento este para o equilibrio europeu, porque o termo d'elle será a preponderancia absoluta de uma ou duas nações do Mediterraneo, a aniquillação commercial do Oriente de aquellas que ficaram prejudicadas ou vencidas na gigantesca contenda.

Os gregos intemeratos romperam todas as combinações tacitas da politica internacional e acudiram em auxilio dos seus irmãos de Creta, e a sua audacia quebrou o artificio em que se baseava o tão fallado equilibrio europeu, fez com que a eterna questão do Oriente soffresse, em poucas horas, uma transformação que, de outra forma, não se teria dado em longos annos.

Em presença, pois, dos graves acontecimentos, que tanto atraem as attentões para a velha ilha, occupar-nos-hemos d'ella, acompanhando as nossas estampas, panoramas e retratos, de algumas indicações e esclarecimentos.

A ilha de Creta ou Candia, pertence ao archipelago grego e está situada entre 34° 55' e 35° 41' lat. N. e 32° 57' e 35° 28' long. E. Quanto á sua grandeza, comparam-a á Sardenha ou á Corsega. É banhada ao N. pelo mar de Candia, a NE. pelo canal de Scarpantho e NW. pelo canal de Cerigo; tem 260 kilometros na sua maxima extensão de E a W., variando a largura de 12 a 60; é portanto a maior e a mais meridional das ilhas do archipelago.

Quanto ao clima, é salubre; tem solo fertil, abundando o azeite, as laranjas e alguns vinhos afamados. A sua população é computada em 275:000 habitantes, dos quaes 38 mil são mahometanos e 3 mil israelitas. Os mussulmanos quasi que apenas vivem nas cidades e perto das costas, sendo a população dos campos constituída exclusivamente por christãos.

Tem sido tão accidentada a historia de Creta, que não é facil traçar de breve os topicos principaes d'ella, pois que tendo pertencido aos romanos, aos arabes, aos genovezes, ao marquez de Montferrat, aos turcos, aos venezianos e ao vice-rei do Egypto, foi incorporada na Turquia, em seguida á insurreição de 1841. Tarefa inproba seria, pois, tentar desenvolver em curtas linhas tão grande assumpto.

Da velha ilha, cujo esplendor foi outr'ora tão notavel, que chegou a conter perto de cem cidades, restam hoje simplesmente Candia, Rethymo e Canéa.

Poucas ilhas offerecem um panorama tão notavel como a de Creta. Canéa, a capital, está encerrada em solidas fortificações. As pessoas mais importantes, beys e consules, sob qualquer commissão de serviço, habitam Halepa, agglomeração de casas ou palacetes com jardins, agrupados sem ordem, a E. da cidade, á distancia de um quarto de hora de caminho.

Canéa tem um aspecto caracteristicamente pittóresco, com os seus miraretes, com as suas casas brancas o pharol tambem branco e a cidade negra, onde agora fluctuam ao lado do pavilhão turco os das potencias. Por detraz estende-se a planície Galata, salpicada de pequenos olivados, e erguendo-se do meio d'ella os altos montes Brancos, cobertos de neve durante a maior parte do anno. O porto é pouco profundo, semeado de rochedos perto da terra, mas os navios podem n'elle com segurança fazer as suas manobras.

Ao nordeste de Canéa desenvolve-se o Akrotiri, península montanhosa e pedregosa, pobrissima, onde os turcos nunca ousaram penetrar durante as insurreições dos cretenses, a não ser em 1826. E' coalhadó de mosteiros e os *papas* (sacerdotes) são os senhores do paiz, abrigados por detraz das muralhas e protegidos por numerosos aldeões que exploram. Pela sua parte, os bons sacerdotes, são muito aptos a fazerem elles mesmos o fogo, pois tem no interior dos conventos, verdadeiros arsenaes, repletos de armas e munições. A península forma, na parte meridional, a bahia de Suda, a mais bella de todo o archipelago. Fechada a E. e abrigada dos unicos ventos a que está exposta, pela pequena ilha do mesmo nome, esta bahia offerece aos navios um excellenté refugio para a invernação.

O districto de Sphaxia, ao sul da ilha, é uma região agreste, cheia de obstaculos naturais, desfiladeiros que tornam inacessivel e inexpugnável esta parte da ilha. Por esta orographia se comprehende bem como um punhado de homens resolutos pode fazer frente a um exercito. Um terreno tão accidentado, cortado por estreitas gargantas, valles profundissimos e bastas florestas, é propicio a uma guerra feita por guerrilhas, com as suas continuadas escaramuças, emboscadas e surpresas.

O começo das insurreições dos cretenses contra os turcos dominadores da ilha é quasi sempre igual; uma dissidencia no parlamento local ou *Epitran*, os christãos, retirando-se, arvoram a bandeira negra de insurrectos, gritando: «Liberdade ou mortes». Os massacres começam; a Grecia envia dinheiro; em Athenas ha um *comité* cretense permanente que angaria subsidios e officiaes gregos dirigem os cretenses. E este estado dura até que os consules interveem, e por concessões reciprocas se estabelece a paz. Agora a intervenção é muito mais forte, pois se trata das potencias armadas que se impõem á Grecia, visto ella ter-se manifestado tão claramente contra a Turquia, defendendo os cretenses.

Apresentamos os retratos das personagens principaes em tão melindrosa questão. O primeiro é o de Jorge I, rei da Grecia, que tem um papel excepcional na politica europeia, actualmente. O seu nome illustre conquistou com o procedimento do seu glorioso paiz uma grande popularidade, pois que se lhe attribue toda a iniciativa em tão sympathico movimento.

O rei da Grecia é saxonio de origem; pertence á casa de Slesvig-Holstein, e é filho de Christiano IX, rei da Dinamarca; era almirante da esquadra dinamarqueza quando a assemblea geral grega, reunida em Athenas, em 1863, o escolheu para rei dos hellenos, sob os auspicios das tres potencias protectoras: Inglaterra, Russia e França.

Pelas suas altas qualidades de democrata, pelo bom caracter e vasta intelligencia, o rei dos gregos é adorado pelo seu povo. Jorge I nasceu em 24 de dezembro de 1845, e foi proclamado no dia 3 de junho de 1863. Em 1867, casou com uma princeza russa, a grã-duqueza Olga, filha do grão-duque Constantino; tem cinco irmãos, entre elles o principe Frederico, herdeiro da corôa da Dinamarca.

Abdul-Hamid II, actual sultão da Turquia, succedeu a seu irmão o sultão Mourad, destronado em 1876. É filho de Abdul-Medjid e pertence á dynastia de Soliman, que data de 1225; tem cerca de cinquenta e cinco annos de idade, pois nasceu no dia 21 de setembro de 1842, e subiu ao throno da Sublime Porta, no dia 3) de agosto de 1876. Abdul Hamid tem sete filhos, sendo cinco varões.

O principe Jorge da Grecia é hoje um dos ho-

mens mais salientes n'esta questão, pois que desde o principio dos acontecimentos de Creta, foi investido no commando da flotilha grega, encarregada de impedir o desembarque das tropas turcas na ilha.

O principe Jorge é filho segundo do rei dos hellenos, nasceu em 24 de junho de 1869, contando hoje, portanto, vinte e sete annos, tem, na marinha grega, o posto de capitão de fragata; é neto do actual rei Christiano IX da Dinamarca, o decano dos monarchas da Europa, e é sobrinho da imperatriz viuva da Russia; acha-se ligado por uma estreita amizade a seu primo, o actual imperador, tanto mais que ha seis annos foi seu companheiro de viagem no extremo Oriente, e que lhe salvou a vida por occasião do attentado commettido nas cercanias de Tokio, na pessoa do tzarevitch, por um fanatico japonês.

De alta estatura, constituição vigorosa, de uma physionomia sympathica, o principe Jorge goza de grande popularidade entre os gregos.

Berovitch-Pachá, do qual um despacho recente annunciou a fuga e a destituição, exercia em Creta, as funções de governador geral ou *vali*. Nomeado principe de Samos, depois de brilhantes serviços, foi duas vezes governador de provincia e principalmente do famoso districto de Sphaxia, ao sul da ilha.

E' de supôr que a eventualidade tão temida da preponderancia de uma unica nação no Mediterraneo se não chegue a evidenciar, e que os estados europeus procurem uma solução satisfactoria para as justas aspirações dos gregos e que sirva de completa garantia á população de Candia, ante a extra-limitação do poderio turco.

Oxalá que assim succeda e se possa evitar o terrivel embate de forças, a conflagração geral, que toda a Europa receia.

Encerrar o Islamismo nas terras da Asia, repartir entre as potencias interessadas os despojos: dando o Egypto á Inglaterra, Creta á Grecia, a Armenia á Russia; e parte da Syria á França, será a unica e provavel solução absoluta do conflicto levantado. Mas não é em paz que isto se obtém e por isso, o manter o *stat quo* parece o mais prudente, mas não o mais possivel attenta a attitudo da Grecia. N'este caso, ainda uma vez será poupado o imperio ottomano e a questão do Oriente, removida mas não destruida, subsistirá, embora modificada, para se tornar mais terrivel n'um futuro não distante. A perfeita autonomia de Creta é talvez o melhor mas a isso oppõe-se a Grecia que a quer annexar a si, e o sultão que não cede a sua soberania.

E.

O AUTOMOBILISMO

Em o n.º 650 do OCCIDENTE, a pag.ª 11 e 12, publicamos uma noticia sob o titulo acima, e apresentamos aos nossos leitores os desenhos de diferentes vehiculos automoveis para transporte de passageiros. Hoje completamos aquella noticia, dando conhecimento do carro *Le Blant*, para transporte de passageiros e de bagagens, fabricado pela *Sociedade Franco-Belga*, com sede em Paris.

Este carro é movido a vapor para o que tem uma caldeira especial que resiste a fortes pressões internas sem perigo de explosão e sem precisar de manometros nem de preventivas valvulas de segurança. Esta caldeira não exala cheiro nem deita fumo que incommode os passageiros, e um só conductor pôde manobrar o carro.

Os carros automoveis de *Le Blant* dividem-se em: carros de um só corpo, com o respectivo motor e para transporte de 10 a 50 passageiros, e carros rebocadores, exclusivamente occupados pela machina e conductor, destinado a rebocar os carrogens que se lhe engatem.

A nossa gravura representa este ultimo typo. Ha duas ordens de motores para estes carros automoveis: o n.º 1 de cylindros, pezando cerca de 400 kilogrammas e o n.º 2 de dois cylindros com o pezo de aproximadamente 900 kilogrammas e que pôdem permittir a velocidade de 15 a 20 kilometros por hora, em boas estradas de macadam.

No referido artigo do nosso n.º 650, alludimos a uma carruagem automovel, adquirida por um cavalheiro de Coimbra, e sobre cujos direitos de importação se levantaram duvidas na alfandega de Lisboa, por omissão da pauta.

Sendo este um dos primeiros vehiculos importados, tornam-se deveras interessantes qualquer indicações que da sua pratica possamos dar. De

umas noticias de Coimbra, com data de 23 de fevereiro passado, destacamos o seguinte:

«A carruagem automovel que o sr. dr. Tavares de Mello mandou vir de França e que importou em cerca de 1:600:000 réis, incluindo todas as despezas de alfandega, transportes, etc., tem aqui sido alvo de todas as attentões. É um carro elegante e com logares para 3 pessoas. Tem grossas rodas pneumaticas e é movido por motor a petroleo (naphita), cuja despeza regula por 20 réis por hora. Nas subidas, pôde attingir a velocidade de 11 kilometros por hora, e em caminho plano 26, podendo parar facilmente, mesmo na maior velocidade.

É esta a segunda carruagem automovel que existe em Portugal, sendo muito mais aperfeiçoada do que a primeira que veio, que pertence ao sr. conde d'Avilez.

O sr. dr. Tavares de Mello tem a vantagem de poder reparar qualquer avaria que se dê no seu excellento carro, porque em obras de marcenaria e serralheria é um artista como poucos.»

P.

FERNÃO DE MAGALHÃES

DESCOBRIDOR DAS FILIPPINAS

VIII

Medejaram seis mezes entre a assignatura do contracto e a partida de Magalhães. Foram seis mezes de luctas para o ousado portuguez, em que se lhe levantaram difficuldades por todos os lados, desde aquellas que Rodrigo Faleiro lhe criou com o seu genio irascivel, até ás que o povo de Sevilha, instigado pelos agentes portuguezes para impedirem a empreza, oppoz, tentando destruir os navios que estavam a construir para a viagem, e contra a vida de Magalhães, desconfiando da lealdade do seu procedimento.

Não foi menos importante a falta de dinheiro para occorrer ás despezas da expedição, falta que supriu Christovão de Haro e Affonso Gutierres a que tambem acudiram alguns negociantes de Sevilha a instancias do bispo de Burgos, devotado protector da empreza.

Faleiro, investido de poderes eguaes aos de Magalhães e de genio mui differente d'este, foi impossivel dirigir os trabalhos de commum accordo e a tal ponto chegou a desintelligencia entre os dois, que Carlos V sem querer melindrar nem um nem outro, mas vendo a impossibilidade de se consertarem, determinou por uma real cedula datada de 26 de julho de 1519, que Faleiro ficasse em Sevilha tratando de aprestar uma outra expedição, que seguiria a Magalhães, e que o capitão portuguez partisse com o exclusivo de unico commandante superior da esquadilha.

Tudo se aprestou al fim: a esquadilha que ia a descoberta compunha-se de cinco navios, de que Fernão de Magalhães era o almirante. O primeiro d'aquelles navios era o *Trindade*, em que ia Magalhães; o segundo *Santo Antonio* commandado por João de Cartagena, que era ao mesmo tempo vedor da armada e tinha o titulo de adjunto de Fernão de Magalhães; o terceiro, *Conceição* do commando de Gaspar de Quesada;

o quarto, *Victoria* tendo por commandante Luiz de Mendonça, que era tambem o thesoureiro da armada; o quinto, *Santiago*, que era o mais pequeno, commandado pelo piloto João Serrano.

Foi a 10 de agosto de 1519 que a esquadilha levantou ferro, e descendo o Guadalquivir, veio fundear no porto de S. Lucar de Barrameda, para quarenta dias depois, a 20 de setembro, soltar as velas ao vento, em monção favoravel e aventurar-se por esses mares fóra, sem temor dos perigos, á procura da passagem para o mar do sul.

Ia na expedição um interprete indio malayo, christão, que Magalhães levava para melhor se entender com os povos que esperava encontrar; tambem ia Duarte Barbosa cunhado de Magalhães, que já conhecia a Asia, e o italiano Antonio Pigafetta, que foi o chronista da viagem. Além d'este iam outros estrangeiros, como francezes, flamengos e um inglez, todos fazendo parte da companhia, soldados, marinheiros, artifices etc.

As caravellas, com suas prôas alterosas, lá iam cortando o mar, empelidas pelo vento rijo que lhe empavesava as latinas. Era um dia de sol, como só os ha na peninsula Iberica, e os seus raios de ouro reflectindo-se nas aguas centuplicavam a luz que illuminava aquelle quadro, ao mesmo tempo que alentavam a alma dos valorosos navegantes, não deixando esfriar o enthusiasmo que animava todos: os que partiam e os que em terra lhe dirigiam as ultimas saudações.

A epocha era d'aquellas aventuras que melhor iam a estes povos, hespanhoes e portuguezas que por egual andavam empenhados nas descobertas.

IX

Que trabalhosa viagem antes de chegar ao porto desejado! Cortada de temporaes e de discordias, que de uns e outras não faltaram para experimentar o animo do ousado navegador.

Logo nos principios da róta Fernão de Magalhães teve que pôr a ferros a João de Cartagena, que se sublevara contra elle por motivo de Magalhães mudar de rumo sem o consultar sendo Cartagena seu adjunto.

A 13 de dezembro dava fundo, na bahia do Guanabára ou Rio de Janeiro, a esquadilha,

E' curioso o que conta Pigafetta do negocio que fizeram com os indigenas durante o tempo que ali permaneceram os navios.

Diz elle:

«Aqui fizemos provisão de gallinhas e de *patatas*, um fructo semelhante ás pinhas, mas muito doce e exquisito, canna doce, carne de anta semelhante á de vacca. Fize-

¹ *Viagem e Viagens de Fernão de Magalhães por Diego de Barros Arana.*

A QUESTÃO DO ORIENTE



O PRINCIPE JORGE DA GRECIA



BEROVITCH — PACHÁ, GOVERNADOR DE CRETA

mos excellentes negocios. Por um anzol ou por uma faca davam-nos cinco ou seis gallinhas; dois ganços por um pente; por um espelinho ou um par de tesouras obtinhamos uma purção de peixe sufficiente para alimentar dez pessoas; por um guizo ou uma fita trasiam-nos os indigenas uma canastra de *patatas*. Por preços tão subidos como estes trocámos as figuras dos naipes de cartas: por um rei deram-me seis gallinhas e os indios cuidavam fazer um excellente negocio.»

Depois de um descanso de quatorze dias no Gunabára de novo se pôz a esquadilha ao mar seguindo rumo paralelo á costa até o Cabo de Santa Maria, na embocadura do Rio da Prata, onde entrou a 10 de janeiro de 1520, para reconhecer as margens, distinguindo nas extensas planicies uma eleva-

ção a que os navegantes chamaram Monte-Vidi e que mais tarde se denominou Montevidec.

A 14 de fevereiro deixou Fernão de Magalhães o Rio da Prata e seguindo a linha da costa foi navegando atravez os temporaes até o porto de S. Julião, onde arribou a 31 de Março, para ali invernar, pois era chegada a estação das chuvas.

Eram os primeiros navegadores europeus que chegavam aquelle porto, que de resto encontravam despovoado, e sem viveres de que se podessem fornecer.

Havia decorrido seis mezes que tinham largado de S. Lucar de Barrameda.

(*Continúa*).

Cactano Alberto.



OS AZULEJOS

Um breve estudo sobre azulejos, extrahido dos melhores auctores, parece-nos apresentar verdadeira curiosidade, tanto mais que entre nós alguma coisa se tem escripto.

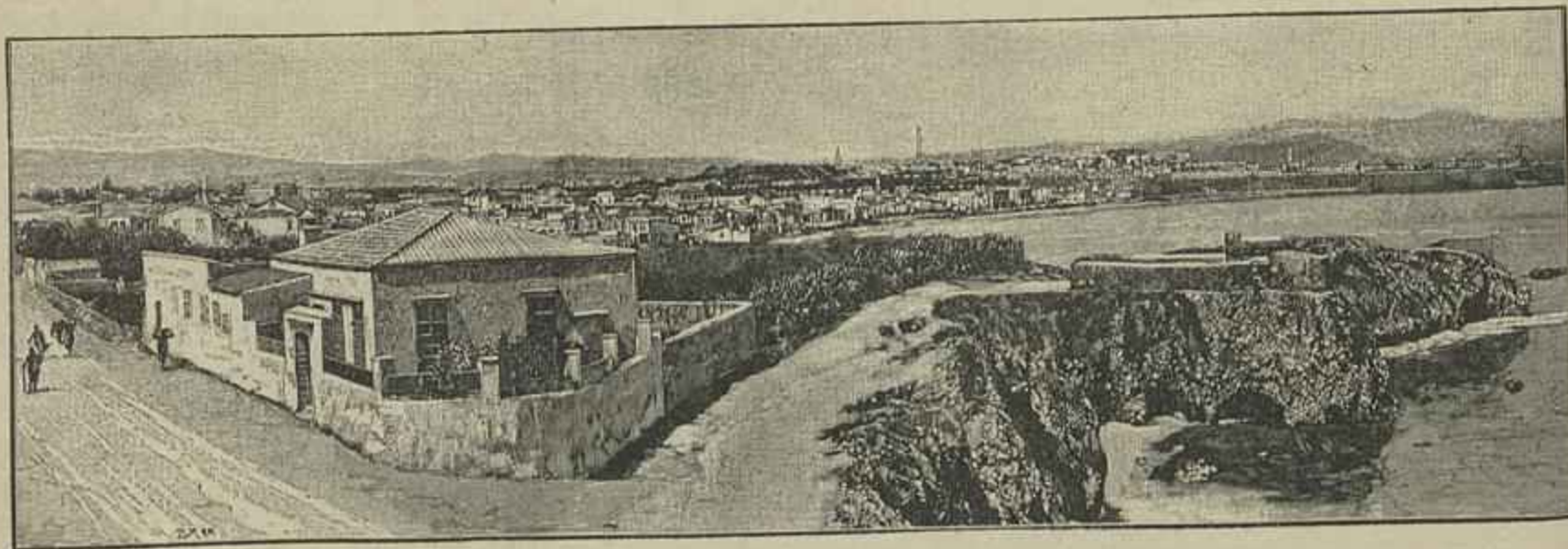
Gabriel Pereira, Conceição Gomes, Possidonio da Silva, Joaquim de Vasconcellos, e recentemente, Liberato Telles, são distinctos auctores que sobre o assumpto apresentam curiosas e interessantes indicações.

Quanto á sua antiguidade, pôde affirmar-se que o azulejo conta mais de cinco mil annos.

No Egypto, encontraram-se azulejos de diversas côres: brancos, verdes, amarellos e vermelhos, sobre os quaes se liam certos nomes dos Pharaós. No principio d'este seculo, ainda se retiraram alguns azulejos que revestiam uma das camaras da pyramide de Saqqarah. Estes azulejos são rectangulares, a superficie exterior é convexa e por de-traz tem uma especie de anel do mesmo barro, por onde se enfiava uma vara de madeira para os segurar.

Na Chaldeia, tambem nos monumentos babilonicos se encontraram, em abundancia, pedaços de ladrilho esmaltado com uma camada solida e espessa.

Os azulejos passaram á Assyria, onde são de



VISTA DE CANÈA TIRADA DE HALÉPA

manufatura inferior, e affirmam os assyriologos que n'elles havia grandes composições coloridas, com figuras de tamanho natural.

Nos azulejos chaldeos e assyrios era frequente encontrarem-se inscrições com caracteres cuneiformes, de cinco a seis centímetros de alto para se poderem vêr de longe, brancos sobre fundo azul.

A grossura das tintas, que se observa n'estes azulejos, mostra bem que a operação do esmalte se fazia separadamente para cada ladrilho.

Embora geralmente se não admitta que o azulejo foi importado do Egypto para a Mesopotamia, é certo que adquiriu n'esta ultima região toda a importancia que podia alcançar um elemento tão decorativo, cujo caracter oriental se havia de perpetuar.

Não foi só a falta de materiaes mais resistentes, como a pedra e o marmore, que levou o azulejo a tal importancia, mas sim o seu vivo colorido polychromo, que tão bem correspondia ao gosto esthetico e decorativo dos orientaes.

No extremo oriente tambem se fabricaram azulejos. Da China, ha noticias positivas do seu emprego, e da India, especialmente, nos seculos v a xi, conhecem-se construcções que ostentam relevos nos entablamentos, frisos, etc., feitos em mosaico.

A Grecia e a Italia attribue-se a fabricação de azulejos, mas o que resta é tão pouco que se pode affirmar não os ter a antiguidade classica empregado.

É nos monumentos islamitas que o azulejo representa um importantissimo papel.

Vem então uma pergunta, como passou a tradição do azulejo do mundo oriental da antiguidade, para o mundo oriental da Edade Media?

Basta reparar que mostrámos que n'um periodo da Edade Media a India empregou o azulejo. Ajuntamos agora que a Persia, arabe no seculo xi, revestia as suas construcções com placas de barro esmaltadas de verde, vermelho e ouro.

Passaria, pois, o azulejo dos assyrios aos persas, visto que estes seguiram a tradição artistica da Assyria, e que os antigos persas, ao darem aos byzantinos e aos arabes os elementos artisticos de que dispunham, lhes fornecessem o azulejo.

Este raciocinio tem-se feito em vista dos monumentos byzantinos do Oriente e da Italia apresentarem louça esmaltada como elemento decorativo de applicação.

Diversos auctores derivam, e com isso corroboram o que dizemos, o termo *azulejo* de azul. Ora esta cor é que predomina na ceramica persa. Outros querem que seja de *azhalujo*, que em arabe significa lizo e escorregadio.

Quando cerca do ultimo quartel do seculo xiii, veem á península os almohades, apparece o azulejo frequentemente empregado e de uma forma bem caracteristica nos edificios arabes. Temos, pois, que na península o azulejo tem uma origem arabe.

Nos azulejos arabes distinguem-se duas especies, os *aliceces* e os *azulejos*, ambas denominadas pelos arabes *almefassass*, que quer dizer peça feita de bocadinhos.

Os *aliceces* são pedaços de barro esmaltado que formam as laçarias, e *azulejos*, os que mostram já esse desenho colorido, pelo que os segundos se podem considerar uma simplificação dos primeiros. Os *aliceces* são, pois, anteriores aos azulejos, e nos seus desenhos geometricos, pensa-se vêr uma imitação suggerida pelos embutidos persas.

Na península, os *aliceces* e azulejos mais antigos devem ser do seculo xiv.

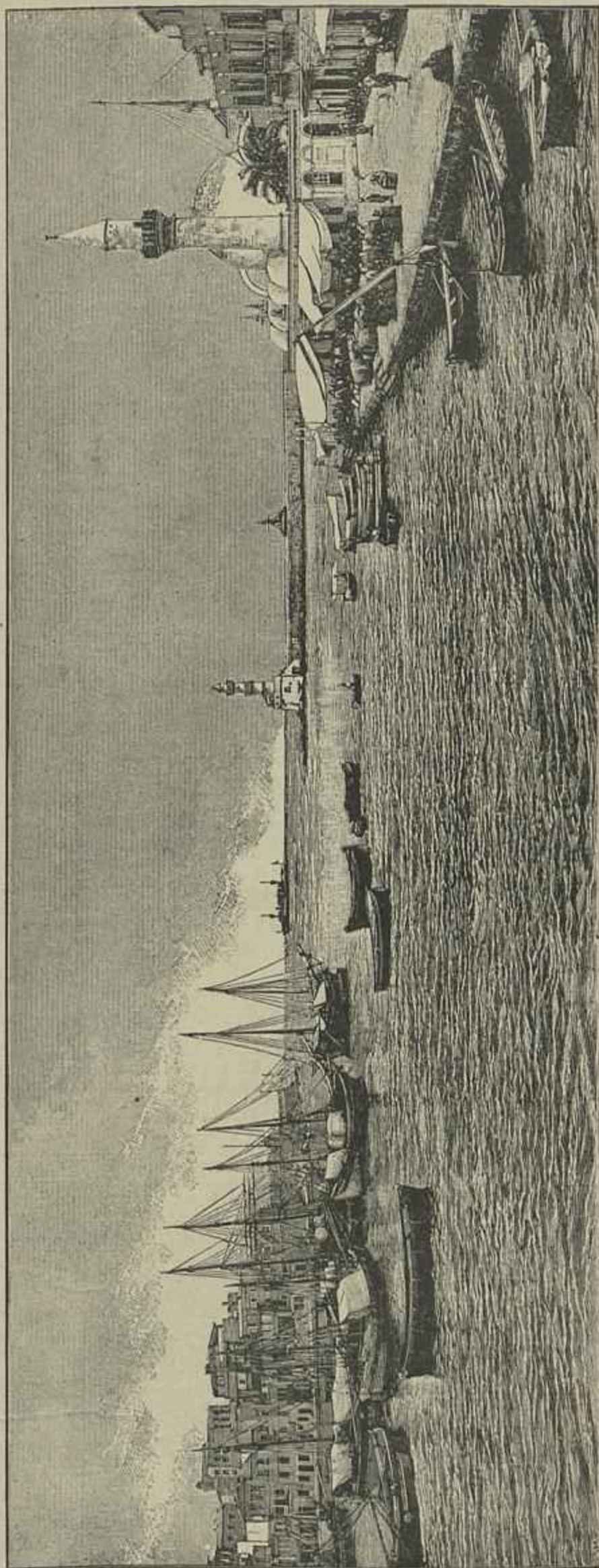
Pelo que respeita á technica dos azulejos, cobriam-se os ladrilhos de um fundo geral, branco igualmente, sobre o qual se traçavam os desenhos, submettendo-os em seguida a uma segunda cozedura, e depois dava-se lhe uma ligeira camada vitrificavel submettida a uma terceira cozedura, com a qual se conseguia a transparencia do esmalte que distingue os azulejos arabes dos mudéjares.

Os mudéjares introduziram nos reinos christãos o uso dos azulejos e as differenças entre estes e os dos arabes devem procurar-se no proprio estylo artistico e na technica apontada.

Com a Renascença mudou-se o gosto artistico, os azulejos tornam-se planos e empregam-se nos rodapés, são pintados a claro e escuro azul — quando muito com uma sanefa ou outro adorno amarello ou roza, etc.

Hoje, a moderna ceramica produz azulejos imitando a ornamentação arabe, etc., e o papel a que na decoração este antigo producto ceramico está destinado é importante.

A QUESTÃO DO ORIENTE



PANORAMA DO PORTO DE GENOVA

go, logo á entrada da porta, 72:000 obrigações do caminho de ferro e a pôr na rua quatrocentos e tantos funcionarios do Estado, ainda por cima aturar os aspirantes a ministros e a pares do reino, afóra os futuros successores dos *barrigas* que reclamam subsidio para as ditas, é de uma pessoa se lançar nos braços dos republicanos e dizer lhes:

— Meus amigos, se querem governar governem, que eu sirvo-lhes de ponte, só para me livrar d'estes galfarros!

João Verdades.



Recebemos e agradecemos:

Vitalidade — *Tiragem especial* — Director — *Accacio Rosa* — Aveiro, 1 de janeiro de 1897.

Verdadeiramente encantador este numero especial da delicada revista dirigida brihantemente por Accacio Rosa.

Entre as muitas e delicadas composições que se encerram n'este numero, não é facil escolher; porém, não resistimos a mencionar, afóra as mimosas poesias, um suggestivo artiguinho de Alberto Sampaio, intitulado a *Resposta de Ruy Gonçalves*.

Almanach Illustrado para 1897, propriedade de Francisco Pastor, 1896.

Recebemos um exemplar d'este bonito e gracioso almanach, gentileza que muito nos penhora e obriga.

Impresso em fino papel, bem collaborado, o presente annuario merece a mais decidida accenção; e prova do applauso publico já merecido, é o ter entrado agora no seu 15.^o anno, facto entre nós, de veras lisonjeiro se se attendor á modestia do nosso mercado.

Discurso proferido na sessão solemne de abertura da Escola do exercito no anno lectivo de 1896-1897, por Francisco Felisberto Dias Costa (capitão de engenharia, lente da 5.^a cadeira) Lisboa, Imprensa Nacional, 1896.

Temos presente esta formosissima oração, á qual em tempo a imprensa periodica se referiu com merecido elogio; o *Discurso* não é uma de-clamatoria banal e vulgar, como tantos outros, tem muito e muito de ensinador na sã doutrina que expende, toda estímulo a estudantes e professores. N'elle ha muito que aprender.

Relatorio e contas do asylo das orphãs desvalidas da freguezia de Santa Catharina, Lisboa 1896.

O presente relatorio foi lido na sessão solemne do trigésimo oitavo anniversario da inauguração do mesmo asylo, no 1.^o de janeiro de 1896, e distribuido no mesmo dia do presente anno.

N'elle veem insertos não só o relatorio annual como as varias poesias e discursos pronunciados por occasião da referida sessão solemne.

Na parte administrativa do asylo, muito ha a louvar a prestimosa direcção que o geriu, o que fazemos com o mais vivo prazer.

De Cara Alegre por Alfredo Mesquita.—Porto, Livraria Chardron, 1897.

O presente livro, de elegante formato, de cuidada impressão em magnifico papel, offerece leitura agradável, amena e por vezes docemente commovedora, graças ao estylo, ora suave ora vigoroso com que está escripto.

Alfredo de Mesquita firma mais uma vez no livro *De Cara Alegre* a sua individualidade moça e impressionista, entusiasta ou reflectida, mas sempre sincera; e de aqui o poder se notar no presente trabalho uma certa ingenuidade, antinómica com a acerada ironia do titulo do livro, mas que o leva por vezes a repetir factos estafados e conhecidos.

Sobre anedoctas vulgares mas typicas de varios excéntricos, bordou delicadamente alguns capitulos; sobre impressões tão proprias quão sinceras

de respeito e admiração, bosquejou umas paginas cheias de vigor e que conseguem prender quando mesmo o assumpto nunca poderia interessar.

Como os variados capitulos se ligam entre si é que não podemos dizer, porque sem ligação apparente ella é apenas ideal e no livro falla-se de mil cousas, sem que uma synthese as venha condensar. O que pretendeu attingir o auctor com este seu livro não é facil de perceber, porque evidentemente não marca nem uma orientação, nem define um genero, ou uma época.

Alfredo Mesquita auxiliado pelo seu talento e fina maneira de escrever, no livro *De Cara Alegre* apenas publicou mais um volume, pois que este seu trabalho não nos parece possa suggerir obras de vulto nem prenunciar qualquer movimento litterario que o acompanhe.

E, pois, o presente trabalho de Alfredo de Mesquita um de aquelles que nem adiantam nem atrasam a reputação litteraria de qualquer auctor; não que revele estacionamento, mas porque a forma é tão ligeira e os assumptos são tão vulgares que não logram sensação nem impôr-se, e, todavia, mostra talento, leitura, e raras faculdades de litterato, as quaes applicadas ao romance moderno, á chronica e outros generos pôde dar muito, sendo justo penhor e garantia de triumpho os trabalhos litterarios porque Alfredo Mesquita é já conhecido.

Acompanha o livro uma delicadissima dedicatória ao nosso prezado director, Caetano Alberto, phrases que em seu nome muito agradecemos.

A Campanha de Africa e o Maneta Silva por C. N. — Lisboa, 1896.

O AUTOMOBILISMO



CARROS «LE BLANT»

E' um folheto nitidamente impresso, em que se reivindica para o maneta Antonio Manuel da Silva o justo quinhão que lhe pertence na gloriosa campanha de Africa contra os vatuas.

O maneta Silva, homem bastante conhecedor da lingua cafreal e bastante pratico do districto de Lourenço Marques, prestou ahi relevantes serviços aos seus compatriotas. A' coragem e á valentia que possui se deveram alguns dos triumphos alcançados sobre os rebeldes.

E', pois, um desaggravo do injusto esquecimento a que o votaram o presente folheto impresso em Lisboa.

O poder destructivo das balas das armas de calibre 6,5 millimetros, sobre os corpos animados, Lisboa, Imprensa Nacional, 1896.

Havendo-se suscitado duvidas sobre o poder destructivo das balas usadas pelo nosso exercito, que são do calibre de 6,5 millimetros, o ministro da guerra, sr. Moraes Sarmento fez publicar pela sua secretaria, o presente trabalho, assaz concludente e demonstrativo da efficacia das balas de 6,5 millimetros.

Por elle se vê que a Hollanda, a Noruega, a Roumania e a Italia possuem armas de 6,5 millimetros, cujos resultados essas nações reconhecem como praticos.

A propria America do Norte se contenta com o calibre 6 millimetros, adoptado ha pouco, e isto prova que Portugal não está mal provido com o calibre que emprega.

Contemporaneos illustres. Fasciculo II, por J. B. Amancio Garcia, Bombaim, typ. Albert Printing Works, 1896.

Quando recebemos o 1.^o fasciculo, d'esta publicação, tivemos occasião de prestar a devida homenagem á erudição e ao elegante estylo do auctor.

Este segundo fasciculo, que contém cerca de 100 paginas, em magnifico papel nitidamente impressas, trata do esboço biographico de Bernardo Francisco da Costa o fundador da imprensa em Goa, onde em 1859 publicou o *Ultramar*, e iniciador de uteis melhoramentos na India, pelos quaes merece eterno preito dos seus conterraneos. O trabalho do sr. Amancio Garcia é erudito e interessante.

O arresto por João Baptista Gomes, advogado de profissão, Bombaim; typ. Albert Printing Works, 1896.

No presente livro o sr. Baptista Gomes trata de analysar com subido criterio os elementos juridicos do arresto. N'este trabalho evidencia verdadeiras qualidades de juriconsulto, argumentando bem, pondo as questões com facilidade e analysando com critica propria, mostrando conhecer os estudos civilistas mais adiantados, tanto nacionaes como estrangeiros o que representa trabalho e profundo estudo.

Cinzas por Queiroz Ribeiro, 1896. Antonio Maria Pereira, editor. Lisboa.

E' um gracioso poema lyrico, onde se engrinaldam as mais formosas composições, cheias de verdadeiro sentimento, constituindo uma leitura agradável e docemente emocionante.

Ao leitor dado á boa poesia indicamos o presente livro de Queiroz Ribeiro, porque representa uma obra poetica de subido merito. A parte VI, intitulada *Meu Pae* é talvez a mais sentida de todo o livro, mas em belleza não soffre primazias esta ou outra divisão do poema.

O producto da venda d'este livro é destinado a uma obra meritoria, o que maior encanto lhe dá por se achar fóra do mercantilismo vulgar.

Interpretação de diversos artigos do Código Civil Portuguez, por Alfredo Leite Miguens, Setubal — 1896.

N'este folheto, o sr. Miguens propõe a seguinte questão:

«Estará na letra e no espirito da lei que se deva exigir caução, indistinctamente, a todos os paes que passam a segundas nupcias e aos quaes, do primeiro matrimonio, ficaram filhos cujos bens usufruem?»

E com os artigos do código civil, claramente interpretados e criticados, o sr. Miguens prova que não está no espirito da lei a substanciada pergunta.

E', pois, um folheto interessante, tratando de uma questão importante para os poderes publicos e para os paes de familia.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1200 réis.

Pedidos á Empresa do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO

EDIÇÃO POPULAR

Illustrada com 40 gravuras retratos dos heroes da campanha, vistas de terras d' Africa, combates, etc.

Preço 300 réis, pelo correio 320 réis

Com uma linda capa de porealine, 500 réis

Segunda edição

PEDIDOS Á EMPRESA DO OCCIDENTE

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 e 39